

1. INTRODUÇÃO

Pela primeira vez, desde a crise financeira global de 2008, tanto os países emergentes quanto os industrializados deverão apresentar crescimento no PIB ao mesmo tempo.

A recuperação agora não se dá, apenas, no consumo, mas também nas próprias empresas. Anteriormente, o crescimento estava mais ligado ao consumo das famílias do que no desempenho das empresas, que se encontrava fraco desde a crise.

Apesar disso, a economia não se apresenta tão forte como era antes da crise de cerca de dez anos atrás: a alavancagem diminuiu nos bancos, no entanto, está disparada na economia como um todo. O risco passou de privado para o público, e não há sinalização de que os governos estejam se movendo para reduzir essa dívida.

2. PANORAMA INTERNACIONAL

A economia norte-americana segue aquecida, apresentando os melhores indicadores em relação ao trimestre anterior, desde 2014, em termos de consumo e investimento em negócios. Esse crescimento pouco influenciará a demanda sobre produtos, em que pese ser uma boa notícia para produtores brasileiros de laranja e de álcool para bebidas, dois mercados que devem crescer nesse cenário.

O Governo Trump segue tentando reduzir impostos e gastos, mas sem sucesso aparente na negociação com sua própria base e com os democratas. Além disso, a destruição provocada pelo furacão Irma gerou gastos da ordem de US\$ 15,2 bilhões.

Os bons números da inflação que está bem baixa nos EUA, devem evitar novos aumentos de juros esse ano. Para 2018, porém, a taxa pode chegar a 2%.

O dólar segue em baixa em relação a muitas moedas, e mesmo se Trump conseguir uma política fiscal mais conservadora, essa moeda não deve se beneficiar tanto. Para o exportador brasileiro esta é uma notícia ruim, pois, encareceria o produto nacional em termos de moeda norte-americana.

Não obstante, o déficit comercial americano continua em um nível muito elevado, e a desvalorização da moeda norte-americana pode ajudar a diminuir tal déficit.

Um dos sinais disso são os juros baixos praticados por muitas economias desenvolvidas, gerando distorções em setores da economia tais como o imobiliário ou o exportador, além de tornar as pessoas mais dependentes do sistema bancário.

Para o Brasil, a discussão acerca de uma bolha imobiliária parece ter ficado para trás, pois, o setor de construção civil foi um dos mais afetados com a crise econômica, apesar da recente recuperação que vem apresentando e com os preços podendo voltar a subir.

Com a tendência de queda de juros, que deve baixar de 8,25% para 7% em 2018, essa recuperação do mercado imobiliário deve continuar, auxiliando assim no crescimento do produto interno bruto.

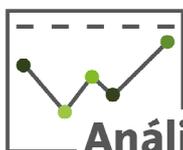
A economia canadense está bem aquecida, com perspectiva de crescimento de cerca de 3,1% este ano, mas a tendência é de aumento nos juros, tendo em vista que os gastos governamentais estão muito elevados. Como o Canadá importa bastante açúcar e café, tais setores devem se beneficiar do crescimento desse país.

A Índia está crescendo mais lentamente que o esperado (6,5% projetados para 2017 contra 7,6% em 2016), contudo, se recusa a afrouxar sua política fiscal para mudar essa realidade, pois a tendência de médio-prazo é um crescimento muito mais robusto. Como o problema fiscal na Índia é sério, a escolha aparentemente faz sentido.

O euro deve continuar se valorizando em relação ao dólar. Essa notícia é boa para os exportadores brasileiros, principalmente os cafeicultores que têm seu principal mercado na Europa.

Com a inflação aparentemente controlada, o Banco Central Europeu deve continuar comprando títulos dos bancos nacionais, após o fim do mandato dessas políticas, em dezembro, aumentando, provavelmente, o valor dessas compras.

No Japão, apesar do crescimento no PIB, não foi observado aumento de salários e nem da inflação.



Macroeconomia

SETEMBRO DE 2017

A China está crescendo mais em consumo que em investimento, com as metas de crescimento sendo atingidas, o que coloca o atual comando do país em uma situação boa perante o congresso do partido comunista.

Em relação aos produtores brasileiros, a China anunciou uma mistura obrigatória de 10% de etanol à gasolina, a partir de 2020, devendo elevar e muito a demanda por etanol de cana e de milho.

O Irã está em uma crise econômica pesada, com o atual patamar de preços do petróleo, com uma inflação muito acima do crescimento do PIB. Esta situação pode afetar negativamente os exportadores de milho e carne, que têm no Irã um grande comprador.

Em crise com a vizinha do norte, a Coreia do Sul está sofrendo muito com o baixo consumo e com a reduzida geração de empregos no país, nesse momento de

instabilidade. Os índices de confiança do consumidor estão caindo, mesmo com as exportações em alta.

A economia da Malásia está em alta, devendo crescer 5,4% esse ano, considerando que já houve um aumento do PIB malaio de 4,2% em 2016. O país está em meio a uma discussão sobre o efeito das culturas de palma na OMC, devido ao excesso de desmatamento na região. Em consequência, países europeus estão começando a limitar a importação do óleo de palma da região.

O petróleo segue com preços baixos, mas uma análise fundamentalista mostra que a demanda está um pouco acima da oferta e deve continuar assim nos próximos anos, já que a OPEP deve manter a produção baixa com um modesto déficit de oferta.

3. BRASIL

O FMI, em seu relatório recém-lançado, prevê um crescimento maior para o Brasil em 2017, da ordem de 0,7%, contra 0,2% do relatório anterior. Já o último Boletim Focus, aponta um crescimento de 0,39%.

Ainda, segundo esse relatório, a inflação deve ceder ainda mais em 2017, ficando em 3,45%, ou seja, abaixo da previsão do mês anterior.

As expectativas inflacionárias continuam a cair, o que pode levar o governo a continuar reduzindo os juros, só que em um ritmo menor, segundo declarou o próprio presidente do Banco Central, Ilan Goldfajn.

Na última reunião, o Copom baixou a taxa Selic em 1pp, para 8,25% ao ano. Porém, na próxima reunião, prevista para 24/10, os diretores do BC indicaram que podem reduzir o ritmo de corte dos juros.

O desemprego, de acordo com a PNAD, teve uma queda de 0,7% no segundo trimestre, recuando de 13,7% para 13,0%. Em agosto, este índice chegou a 12,6% (mesmo índice de janeiro). O problema é que mais da metade desse crescimento no emprego se deu sem carteira assinada ou por conta própria.

O índice de confiança empresarial subiu 0,6% em setembro, não obstante os dados sobre ociosidade mostrarem que ainda há muito ainda a crescer.

O índice de confiança do consumidor finalmente voltou a subir, tendo em vista a melhora na situação de emprego, o controle da inflação, a redução continuada dos juros e a aparente arrefecida na crise política.

O Real se manteve próximo dos 3,15 em relação ao dólar, uma vez que o possível aumento de juros nos EUA foi adiado.

Já a recuperação dos preços das commodities, se continuar forte, deverá ajudar o real a se valorizar, considerando que muito de nossas exportações são de commodities minerais e agrícolas.

O déficit do governo segue altíssimo e, apesar dos dados mostrarem que pode atingir valores abaixo do esperado, algo terá que ser feito para reduzir gastos, fato que não vem sendo realizado pelo governo brasileiro.

Com a relativa melhora nas contas e nos números como foi visto aqui, a expectativa se volta para as reformas necessárias, de forma a se alcançar um crescimento econômico mais sustentável no futuro.

Resta agora acompanhar o andamento das reformas e aguardar a virada do ano, quando devem iniciar-se as disputas em torno das eleições de 2018, o que pode provocar alguma instabilidade.